



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
Licenciatura em Geografia

JOSIVALDO DE LIMA

**IMPACTOS SOCIOECONOMICOS DO PLANTIO DA BANANA NA
CIDADE DE BORBOREMA-PB (2005 -2010)**

GUARABIRA – PB
2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

JOSIVALDO DE LIMA

**IMPACTOS SOCIOECONOMICOS DO PLANTIO DA BANANA NA
CIDADE DE BORBOREMA-PB (2005 -2010)**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – CAMPUS III, como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia, sob orientação da professora Ms Regina Celly Nogueira da Silva.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

L732i

Lima, Josivaldo de

Impactos socioeconômicos do plantio da banana
na Cidade de Borborema PB / Josivaldo de Lima. –
Guarabira: UEPB, 2011.

56f. Il. Color.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso -
TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Regina Celly Nogueira da
Silva”.

1. Cultivo de Banana 2. Decadência da
Cana - de- açúcar 3. Urbanização I. Título.

22.ed. 631.5

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – PRPGP
COORDENAÇÃO GERAL DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Aprovado em 13/06/2019


BANCA EXAMINADORA:



Profª. Ms. Regina Celly Nogueira da Silva (Orientadora)

Ms. Em Geografia - USP

Professora do Departamento de Geografia - UEPB



Profª. Ms. Edinilza Barbosa dos Santos

Ms. Em Geografia - UFPE

Professora do Departamento de Geografia - UEPB



Profª. Esp. Raquel Soares de Farias

Esp. Em Geografia - UEPB

Professora do Departamento de Geografia - UEPB

Aos meus pais, que são um exemplo de dedicação e amor, a minha esposa pelo apoio incondicional, aos meus amigos que se fazem presentes nas horas mais precisas, e a minha orientadora, Prof^ª. Ms Regina Celly Nogueira da Silva. (dedico)

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a Deus por mais uma vitória alcançada. Quando surgiam obstáculos, com fé e esforço a todos superei e assim concluí mais uma etapa de minha vida. Sei que esta é só mais uma fase, mas pretendo ir em busca das próximas etapas.

O sonho de concluir um curso de graduação foi compartilhado por algumas pessoas importantes como: Minha mãe Daluz, minha esposa Maricelia, minha filha Ana Mércia, que tão pacientemente me entenderam por não estar dedicando a mesma atenção de antes; e de uma forma geral aos familiares e amigos, que sempre me ajudaram na medida do possível.

Aos meus professores e colegas de curso, parceiros fundamentais na minha formação acadêmica, pois junto com eles aprendi a conhecer um pouco dessa ciência dinâmica que é a “Geografia”. Enfim, a todos que, de uma forma direta ou indireta, me ajudaram a chegar aqui e deram o apoio necessário para continuar.

043- GEOGRAFIA

TITULO DO TRABALHO: IMPACTOS SOCIOECONOMICO DO PLANTIO DA BANANA NA CIDADE DE BORBOREMA – PB (2005 – 2010)

LINHA DE PESQUISA: Transformações econômicas e processos de urbanização

AUTOR: JOSIVALDO DE LIMA

ORIENTADOR: Prof.^aMs. Regina Celly Nogueira da Silva. UEPB/CH/DG

EXAMINADORES: Prof.^a Ms. Regina Celly Nogueira da Silva.
UEPB/CH/DG

Prof.^a Ms. Edinilza Barbosa dos Santos. UEPB/CH/DG

Prof.^a Esp. Raquel Soares de Farias. UEPB/CH/DG

RESUMO

O presente trabalho analisa a produção e o cultivo da banana no município de Borborema no período de 2005 a 2010, vislumbrando este como um agente modelador daquela sociedade, atentando para as relações econômicas, territoriais e sociais que se configuram dentro do processo que engloba os espaços urbanizados daquela cidade. Não obstante, essa monografia inicia seus estudos através do processo da decadência dos pequenos engenhos de cana-de-açúcar da microrregião do brejo paraibano enfatizando o município de Borborema – PB e como essa decadência (dos engenhos) influenciou uma maior urbanização desse município, bem como, propiciou o fortalecimento do plantio de bananas e como estes bananais são hoje uma das principais fonte de renda e absorve uma considerável parcela da mão-de-obra. Fundamentamo-nos na bibliografia referente ao tema, e utilizamos de entrevistas.

Palavras chave: decadência da cana-de-açúcar, urbanização e bananicultura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Bananais de Borborema.....	38
Foto 2: Comboios de burros pela cidade.....	39
Foto 3: Produtor de bananas e seu estoque.....	41
Foto 4: Artesanato da fibra da banana.....	45
Foto 5: Caixa de presente produzida a base da fibra da banana.....	45
Foto 6: A artesã e seus artesanatos.....	47
Foto 7: Bonecos feitos da fibra da banana.....	47
Figura 1: Localização do Município de Borborema	54
Figura 2: Planta do Município de Borborema	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1. BREVES CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS	17
2.1.1 O NORDESTE CANAVIEIRO	17
2.1.2 A DECADÊNCIA DOS ENGENHOS DE CANA-DE-AÇÚCAR E A ASCENSÃO DAS CIDADES	21
2.2. ASPECTOS GERAIS SOBRE A BANANICULTURA.....	26
2.2.1 AS BANANAS NO BRASIL	26
2.2.2 TRABALHO E RENDA NO MUNICÍPIO DE BORBOREMA	33
3. 1 A IMPORTÂNCIA SOCIOECONÔMICA DOS BANANAIS EM BORBOREMA NO SÉCULO XXI	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXO	54
APÊNDICE	55

1. INTRODUÇÃO

Os municípios paraibanos, principalmente aqueles que compõem a zona da mata brasileira¹ têm tanto sua geografia, quanto sua história, de uma forma direta ou indireta, atrelada ao cultivo da cana-de-açúcar, tendo em vista que este fora por muito tempo o principal produto dessas terras. A importância da cana-de-açúcar transcende o período da colonização, fazendo com que esse pedaço do país, conhecido atualmente como Nordeste, se tornasse o principal centro econômico, sobretudo entre os séculos XVI e XVIII, e com isso, o Brasil passou a ser a principal Colônia Portuguesa, tendo como principal produto de exportação o açúcar, este produto - apesar de sua futura desvalorização devido a concorrência do açúcar produzido na própria Europa e a estação de ouro em “ninas no sertão”² no século XVIII - se manteve como principal meio de trabalho e renda para muitas propriedades no Nordeste brasileiro e, conseqüentemente, algumas cidades como, por exemplo, Borborema, no interior da Paraíba, estão inseridas neste contexto do cultivo da cana-de-açúcar, porém em meados dos anos 90 a crise volta a assombrar os produtores.

Com isso, a zona rural da cidade de Borborema, como a de tantas outras cidades do brejo paraibano, que outrora foram responsáveis pelo sustentáculo econômico, foi atingida pelo “fogo-morto” dos engenhos; e tiveram nas usinas que se instalaram nesta região um fator crucial para levar boa parte dos engenhos à referida condição. A cidade de Borborema, com a crise no setor canavieiro e o conseqüente fechamento dos engenhos, passou a apresentar uma série de problemas socioeconômicos.

Com base nesta perspectiva, que foi comum a várias cidades produtoras dos derivados da cana-de-açúcar, a população desses municípios paraibanos produtores tiveram que se adaptar a esta nova realidade na qual a cana-de-açúcar não mais seria a principal fonte de renda e não mais absorveria

¹ A Zona da Mata se localiza a leste do nosso território brasileiro, entre o Planalto da Borborema e o litoral, e se estende do Rio Grande do Norte até o sul da Bahia. Sua largura varia entre os 100 e os 200 quilômetros; as chuvas nesta zona são abundantes e seu clima é quente e úmido. Esta região recebeu esta nomenclatura porque era coberta pela Mata Atlântica que foi sendo paulatinamente desmatada e em seu lugar foi implantado o cultivo de cana-de-açúcar.

² Na geografia da época tudo que ultrapassava o limite do litoral era conhecido como sertão, desse modo, faço uso dessa palavra para designar o local conhecido como Minas Gerais, o qual no século XVIII passa a figurar como sendo o principal pólo econômico do país.

a mão-de-obra dos munícipes; estes fatores correlacionados tiveram uma forte implicação no cotidiano das cidades paraibanas e a cidade de Borborema não fugiu dessa regra, pois muitas pessoas passaram a viver da agricultura de subsistência e do plantio e da comercialização de banana; sendo que atualmente as bananas e seus derivados são os principais produtos comercializados e produzidos neste município. É importante ressaltar que no século XXI, as antigas terras que em tempos passados eram cobertas pelo cultivo da cana-de-açúcar hoje são ocupadas pelos intermináveis bananais.

É válido ressaltar que ao estudar uma determinada área geográfica, os elementos que a constituem socioeconomicamente em um dado tempo histórico permite melhor analisá-la de maneira que a sua situação atual possa ser percebida como o resultado da ação conjunta de fatores em uma sucessão temporal, que os historiadores chamam de tempo históricos, esta individualização de cada lugar resulta na caracterização dos territórios. Diante do exposto, bem como da importância que um trabalho universitário tem, nos propusemos a fazer uma breve abordagem sobre o cultivo de banana no município de Borborema, como também o espaço urbano; tendo como justificativa os poucos estudos nesta instituição correlacionados as questões socioeconômicas e culturais no que diz respeito aos períodos de afirmação de outro produto agrícola em substituição do tradicional e secular plantio de cana-de-açúcar e como esta mudança influencia o espaço urbano do município de Borborema.

Dentro dessa perspectiva, ao considerar um determinado espaço geográfico que é delimitado como área de observação e torná-lo objeto de pesquisa, precisamos compreendê-lo como parte de um todo; e por assim, hodiernamente, a nossa sociedade convive com a mundialização da economia, a vertiginosidade das informações e das comunicações, formando uma extensa rede que se expande e chegando até as cidades menores. Os espaços, hoje, principalmente os urbanos, são partes essenciais desse grande emaranhado de redes interpessoais que funcionam como pontos de interligação viabilizados pelas rodovias, aeroportos, internet, etc.

O próprio conceito de região, enquanto recorte espacial de um todo se dissolve, na medida em que se instala o adensamento ou compressão do espaço pela intensidade das interligações e nesta situação o que cresce como

referencial geográfico é o lugar, que passa a funcionar como módulo de interligação na rede que recobre o espaço, e assim cidades pequenas como Borborema, lançam os seus produtos no mercado e se relacionam interpessoalmente, para além dos limites municipais.

Sob este olhar, procuraremos ver a cidade de Borborema como um lugar de modificação e teremos na cana-de-açúcar, no cultivo da banana e nos seus conseqüentes desdobramento em artesanato e em uma maior urbanização, fontes para nossa pesquisa, concomitantemente as entrevistas com moradores que terão lugar privilegiado nessa pesquisa, pois será possível construir uma versão do que foi o processo urbano na cidade de Borborema relacionado-o a dois importantes fatores: a produção e decadência da cana e a ascendência do cultivo da banana e seus múltiplos aproveitamentos econômico.

As fontes de pesquisas que serão utilizadas podem ser encontradas em diferentes lugares, sendo assim serão utilizados os jornais/revista que são disponibilizados na biblioteca pública municipal, e também bibliografias relacionadas ao tema. Com base no exposto nos propomos a discorrer sobre algumas ponderações que essa temática, - o cultivo da banana no município de Borborema - abarca, como também o espaço urbano como objeto de pesquisa. Nessa perspectiva a temática intitulada “**Impacto socioeconômico do plantio de banana na cidade de Borborema–PB (2005 a 2010)**”, se justifica em função da poucos estudos que tratam das questões socioeconômicas e culturais, sobretudo no que diz respeito ao período de afirmação de outro produto agrícola em substituição da tradicional e secular plantio de cana-de-açúcar e como esta mudança influencia o espaço urbano do município de Borborema.

Sendo assim, para a concretização dessa pesquisa dividimos este trabalho em três capítulos, no qual o primeiro trará referência à constituição histórica da importância da cana-de-açúcar para o Nordeste brasileiro correlacionando-o como o contexto do município de Borborema, o qual tem na produção da cana-de-açúcar uma dos seus marcos históricos.

Já no segundo capítulo discorreremos alguma análise acerca do cultivo de banana no território nacional correlacionando ao município de Borborema como também sua maior urbanização no período posterior ao fim

dos engenhos, e os fatores que ocasionaram a substituição do cultivo de cana-de-açúcar para a implantação do cultivo de bananais, tornado-as o principal meio de sobrevivência sejam dos produtores rurais como dos artesões. Por fim, abordaremos a importância que a cultura da banana tem para Borborema em pleno século XXI.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo de uma determinada área geográfica implica numa análise dos elementos que a constituem, porém tendo sempre presente o pressuposto que a sua construção se deu ao longo do tempo e da influência de fatores sociais, econômicos, culturais e geográficos, de maneira que a sua situação atual possa ser percebida como o resultado da ação conjugada destes fatores numa sucessão temporal o que resulta na individualidade dos lugares e na caracterização dos territórios. Dentro dessa perspectiva, ao considerar um determinado espaço geográfico que é delimitado como área de observação e torna-se objeto de pesquisa, precisamos compreendê-lo como parte de um todo e desta forma, entender que “quando captamos os fenômenos em nossa percepção, estes já aparecem diante de nós organizados em suas localizações na extensão que nos rodeia (o espaço) e na sucessão dos movimentos de mudanças do ontem para o hoje (o tempo)”. (MOREIRA, 2006, p.19).

A nossa sociedade convive com a mundialização da economia, a vertiginosidade das informações e das comunicações, formando uma extensa rede que se expande e chega até as cidades pequenas. Os espaços, principalmente os urbanos, são partes integrantes desta rede e funcionam como pontos de interligação viabilizados pelos aeroportos, sistemas bancários, acordos de cooperação e, sobretudo pela internet.

O conceito de região, enquanto recorte espacial de um todo se dilui, na medida em que se instala o adensamento ou compressão do espaço pela intensidade das interligações e nesta situação o que cresce como referencial geográfico é o lugar, que passa a funcionar como módulo de interligação na rede que recobre o espaço. Para Milton Santos, o lugar que a rede organiza em sua ação é um agregado de relações internas e externas, sendo assim, podemos considerar que o lugar resulta do entrecruzamento entre os planos horizontais e verticais de convivência humana.

Sob este olhar, procuraremos ver a cidade de Borborema como um lugar de modificação e teremos na cana-de-açúcar, no cultivo da banana e nos seus conseqüentes desdobramento em artesanato e em uma maior urbanização, fontes para nossa pesquisa, concomitantemente as entrevistas

com moradores que terão lugar privilegiado nessa pesquisa, pois será possível construir uma versão do que foi o processo urbano na cidade de Borborema relacionando-o a dois importantes fatores: a produção e a decadência da cana e a ascensão do cultivo da banana e seus múltiplos aproveitamentos econômico.

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

2.1.1 O NORDESTE CANAVIEIRO

A microrregião do brejo paraibano faz parte da história do território erguido tendo como o pilar de sustentação o trabalho no cultivo da terra, o qual tinham na cana-de-açúcar o principal produto, conseqüentemente os engenhos de cana-de-açúcar têm um papel crucial na história dessa microrregião; inserindo-se assim dentro da “civilização da cana-de-açúcar” que abarca toda a Zona da Mata Nordestina.

Desde os primórdios da exploração econômica do solo do brejo paraibano, no limiar do século XVIII, registra-se a “propensão natural de suas terras para o plantio da cana”³, e esta por sua vez, foi marcante em termos econômicos, sociais e culturais do território estudado (o Nordeste, a Paraíba, a microrregião do brejo e Borborema).

É importante salientar que na região Nordeste⁴, a presença marcante dos engenhos está diretamente relacionada a fatores externos, tendo em vista que impulsionada pelo grande mercado consumidor Europeu, foi criada as condições necessárias para que ao longo do século XVI ao século XVIII, os números de engenhos se multiplicassem abrangendo principalmente a extensão litorânea dessa referida região. Esta multiplicação de engenhos eram incentivados pelos lucros concedidos pelo agromanufatura do açúcar, que atingiam percentuais consideráveis, principalmente ao compará-lo com os demais produtos agrícolas; “Calcula-se que naquele período da história⁵, a exportação do açúcar rendeu ao Brasil cinco vezes mais que as divisas proporcionadas por todos os outros produtos agrícolas destinados ao mercado externo” (DINIZ,1988, p 34).

³ Este termo se encontra presentes em alguns autores como José Otavio e José Américo de Almeida, entretanto dá a falsa sensação que este pedaço de terra já nasceu predestinado ao cultivo da cana-de-açúcar, porém acreditamos que esta propensa vocação é uma construção discursiva que se apóia no clima para se ratificar, contudo quando a produção de cana-de-açúcar começa a falir estas mesmas terras que tinha uma “vocação” legitimada para o plantio procura alternativas como é o caso da cidade de Borborema.

⁴ Segundo o historiador Durval, chamar essa parte do Brasil de Nordeste é um anacronismo, porem ao fazer uso desse termo neste período histórico (século XVI à XVIII) é para tornar o texto mais didático.

⁵ O período histórico mencionado é o período que abarca do século XVI ate o meado do século XVIII.

A riqueza proveniente do açúcar era tamanha que se tornava a principal fonte de renda, e dentro desse contexto a importância do açúcar é ratificada no seguinte trecho no qual são citadas as possibilidades de angariar riqueza nas terras brasileiras.

... Pelo que, começando, digo que as riquezas do Brasil consistem em seis coisas, com as quais seus povoadores se fazem ricos, que são estas: a primeira a lavoura do açúcar, a segunda a mercancia, a terceira o pau a que chamam do Brasil, a quarta os algodões e madeiras, a quinta a lavoura de mantimento, a sexta e ultima a criação de gados. De todas estas coisas o principal nervo e substancia da riqueza da terra é a lavoura dos açucares. (MARQUESE, 1999.p.38)

Como é possível notar nesta citação havia algumas possibilidades de se enriquecer nas terras do Brasil no período colonial, contudo, será a lavoura de cana-de-açúcar que maior probabilidade de lucro dava. Isso confirmava a importância desse produto (o açúcar), principalmente na economia do mercado mundial.

A importância da cana-de-açúcar para o Nordeste vai para além dos séculos que abarcam o período Colonial e Imperial do Brasil, já que a influência da produção canavieira prossegue durante toda primeira república e chegando até os nossos dias, oscilando entre períodos de maior e menor importância socioeconômica, desse modo, a cana-de-açúcar tingiu de verde a chamada Zona da Mata Paraibana e a cidade de Borborema também faz parte desse contexto.

Ressaltamos que a cana-de-açúcar e os seus derivados tiveram, até a primeira metade do século XIX, um papel decisivo na vida econômica e social da Paraíba, esta realidade também era presente, de uma forma direta ou indireta, em todo o Nordeste, o qual vislumbrava na cana-de-açúcar a principal fonte econômica e, teve como uma de suas principais conseqüências o surgimento de cidades erguidas diretamente sobre a sua influência ou derivada dela; foi nesse contexto, que várias cidades paraibanas da microrregião do brejo surgiram. Desse modo, a história do brejo paraibano encontra-se inserida na história da civilização da cana-de-açúcar do Brasil.

Dentro dessa perspectiva os engenhos de aguardente e rapadura do brejo, remanescentes dos antigos engenhos de açúcar do período colonial

brasileiro, representam os verdadeiros símbolos do passado histórico e cultural. Nesse ponto de vista, é importante salientar que não só de produção de açúcar viviam os engenhos da Paraíba, pois temos que destacar outros derivados da cana. Desse modo, a rapadura e a aguardente se fazem presentes; tais produtos eram tidos como secundários, visto que o açúcar, por séculos, concentrava os investimentos, tendo em vista que era este produto que gerava maiores lucros.

No entanto, nas regiões do brejo paraibano, os produtos tidos como secundários (a rapadura e a cachaça) eram os mais fabricados; e ainda hoje nesses engenhos, se encontra resquícios de antigas técnicas produtivas dos engenhos do Brasil Colonial. Dentro dessa perspectiva, a importância da microrregião do brejo Paraibano está diretamente ligada à produção e cultivo da terra, esta declaração é ratificada quando analisamos as rotas comerciais do interior da Paraíba:

Os sertanejos vinham ao brejo em comboio de burros que serviam para transportar a rapadura. Para se alimentar durante a viagem e também para vender aos habitantes do brejo, eles traziam a carne seca do bode. Os comboios de burro partiam da região carregados de rapadura e de aguardente além dos cereais ali produzidos: feijão, fava, milho e a farinha da mandioca. (TARGINO e MOREIRA, 1997, p.90),

Como é possível vislumbrar no fragmento citado, os autores reafirmam a importância dos produtos derivados da cana-de-açúcar na vida econômica da microrregião do brejo, a pesar dos derivados da cana serem os principais produtos comercializados e vendidos desde séculos passados, essa região do brejo também se destaca pela produção de gêneros alimentícios.

É interessante observar que nos engenhos produtores dos derivados da cana, que eram mais comuns no brejo eram divididos em níveis; estes possuíam quatro níveis para aproveitar a gravidade na transferência dos diferentes produtos; no primeiro nível, a cana-de-açúcar era recebida e moída em engenho movido com roda de água, ou força humana e animal, para extração de seu caldo, o qual era transferido para segundo nível, mais baixo, cujo caldo, depois de fermentado em cochos de madeira, era transferido para o terceiro nível, mais baixo que o segundo, pra ser destilado, (...). A cachaça,

fruto de destilação era transferida para o quarto nível, mais baixo que o terceiro, para ser armazenada em tonéis de madeira para envelhecimento. (LIMA; 2000, p. 54)

O caráter artesanal demonstrado no parágrafo anterior permanece até os dias de hoje, resguardadas as devidas proporções, tendo em vista que atualmente na região que compreende o município de Borborema não há engenhos ativos, porém na microrregião do brejo existem engenhos em pleno funcionamento que conservam ou remodelam a tradição de fazer a rapadura e a aguardente; e assim, os aspectos técnicos, históricos e culturais reafirmam a força da tradição desta atividade, sobretudo em territórios nordestinos, que é permeado de longas permanências e poucas modificações.

É comum associar o Nordeste brasileiro a produção da cana-de-açúcar e por conseguinte, é trivial considerar a sociedade e o povo nordestino ligados a antigas tradições que têm sua origem atrelada à fundação dos primeiros engenhos na região, esta sociedade seria bastante conservadora e estamental.

É interessante observar que o complexo socioeconômico gravitava em torno de símbolos como o da Casa-Grande, da Capela e da Senzala, eram estes os principais “centros sociais” dos engenhos, e conseqüentemente da maioria das pessoas; Gilberto Freyre chega a afirmar que “a civilização do açúcar, (...) por algum tempo, constituiu quase toda a civilização brasileira” (FREYRE.Apud. TRIGO.p. 99); demonstrando assim a grande importância desse modelo no qual o Senhor de Engenho era a figura que melhor sintetizava o poder. Na literatura que trata da temática dos engenhos de cana-de-açúcar é possível perceber como estes símbolos de poder foram assimilados nos gestos do povo que gravitava em torno dos engenhos. Dentro dessa problemática citaremos um trecho de *Memórias de um senhor de engenho* (1938).

Diante da casa-grande as cabeças se descobriam como diante de um templo, os lábios que falavam emudeciam, ou passavam a murmurar apenas as palavras da conversa em seu seguimento, enquanto os interlocutores defrontavam-na; depois iam os lábios articulando mais alto, gradativamente, a conversa, na medida da distância que se ia pondo entre os que falavam e a residência do senhor de engenho.

Se o senhor chegava a uma porteira e se encontrava alguém que vinha em sentido inverso, quem vinha descobria-se diante de quem

chegava, abrindo bem a porteira para que por ela pudesse passar, com franqueza, o senhor de engenho e toda a sua importância. E não a batia como ordinariamente se faz: ia com ela vagarosamente até o mourão, encostando-a com doçura. O senhor de engenho passava. Bater-lhe a porteira com força pelas costas era falta de respeito. No silêncio da noite, nem um chicote estalava, tangendo um comboio de animais por defronte da casa-grande: o HOMEM dormia. (BELLO. Apud. TRIGO. pp. 73-74)

O poder atribuído ao senhor de engenho e o respeito que a suntuosidade da Casa-grande exercia no cotidiano das pessoas era tamanho, era ao senhor de engenho que os populares recorriam quando queriam solucionar algum conflito ou necessitavam de ajuda, e assim os senhores de engenhos figuravam na comunidade que dominavam como sendo os senhores “*da vida ou da morte*”. Outro símbolo importante na sociedade canavieira do Nordeste foi a configuração cristã /católica; a religiosidade exercida era majoritariamente católica apostólica romana, e tinha nas capelas dos engenhos o lugar para manifestação dessa religiosidade. Sendo assim, era nos festejos e cerimônias religiosas que se traziam para a “superfície” da capela o multifacetado mundo da cana-de-açúcar, pois nas missas dominicais e dias santos que levavam a população das lavouras mais próximas para a capela dos engenhos, e foi lá que se tornou um dos lugares de lazer se não o único, das pessoas mais pobres.

Muitas destas características persistiram por muito tempo na vida cotidiana da região Nordeste e por analogia da vida paraibana como também da microrregião do Brejo, a qual faz parte à cidade de Borborema.

2.1.2 A DECADÊNCIA DOS ENGENHOS DE CANA-DE-AÇÚCAR E A ASCENSÃO DAS CIDADES

A estrutura “senhorial” formada ao redor dos engenhos tornava estes lugares referências de micro-poderes ratificados pelo próprio poder econômico que os engenhos geravam, e que terá no senhor de engenho a sua figura emblemática, como já foi exposto no item anterior; dentro dessa perspectiva foi que por séculos a sociedade brasileira e principalmente a nordestina esteve voltada para os engenhos os quais tinha nos canaviais a fonte que não só

gerava a economia da região, mas também ditava o padrão de comportamento social, a vida cotidiana e sendo assim, por muito tempo as cidades eram praticamente centros administrativos que serviam para contabilizar a produção agro exportadora provinda dos engenhos.

Ao analisarmos a urbanização brasileira como um todo, é possível perceber que foi tardia, só em meados do século XX que se impôs ao Brasil uma nova lógica na organização de sua sociedade; as inovações econômicas e sociais marcantes associam-se neste contexto da diminuição da dependência da zona rural produtora de gêneros agrícola - especificamente aqui no Nordeste era a cana, esta por sua vez, se encontrava em crise -, aliada à revolução demográfica, ao êxodo rural e à integração do território pelos transportes e comunicações, todos estes fatores juntos geraram condições para mudar o aspecto rural do Brasil, tornando-o mais urbano; é importante salientar que estas modificações atingiram de forma direta ou indiretamente todas as cidades, independente do tamanho.

Neste contexto de modificação é que a zona rural da cidade de Borborema, como de tantas outras cidades do brejo paraibano, que outrora foram responsáveis pelo sustentáculo econômico, na década de 1950 foram atingida pelo “fogo-morto” dos engenhos; e tiveram nas usinas que se instalaram nesta região um fator crucial para levar boa parte dos engenhos a referida condição. As usinas exerceram uma competição injusta frente aos tradicionais engenhos, este fato aliado ao advento do Programa Nacional do Álcool⁶, em 1975, destinado a incentivar a produção de álcool como substituto da gasolina, as usinas locais aumentaram suas capacidades de produção, haja vista a grande demanda subsidiada pelo governo federal.

Sendo assim, como qualquer mercado em expansão a produção do etanol exerceu forte pressão sobre as propriedades rurais que cultivavam cana-de-açúcar; nessa época foi comum ver antigos produtores de cana-de-açúcar vender toda a sua produção para as usinas ou arrendar as suas terras para o mesmo fim. Dessa forma, no brejo paraibano, muitos dos antigos engenhos

⁶O Proálcool, foi financiado pelo governo do Brasil a partir de 1975 devido a crise do petróleo em 1973 e mais agravante depois da crise de 1979. Em 14 de Novembro de 1975 o decreto nº 76.593O cria o Pró-Álcool. Este programa foi idealizado pelo físico Jose Walter B. Vidal e pelo engenheiro Urbano Ernesto Stumpf este último conhecido como o *pai do motor a alcool*.

passaram para o controle das usinas, cujo interesse particular era o cultivo da cana para a produção de álcool.

Foram poucos os engenhos que não se submeteram às usinas ou mesmo encerraram suas atividades no período em que estas reinaram na região, aos poucos engenhos que braviamente resistiram passaram a funcionar precariamente, especificamente na cidade de Borborema não se manteve nenhum engenho funcionado.

Entretanto pós a euforia inicial gerada pelo Proálcool, veio o declínio, e as usinas começaram a entrar em crise e por fim faliram; a falência das usinas foi encarada como uma verdadeira catástrofe econômica que se abalou nos municípios pós-fechamento delas, pois as cidades da microrregião do brejo paraibano, especificamente Borborema não tinha outra fonte de emprego e renda que não fosse a tradicional produção da cana-de-açúcar. Antes da crise, os engenhos eram as principais fontes de emprego e renda, depois vieram às usinas, mas elas também entraram em crise, e desse modo não sobraram muitas alternativas para os moradores da região; destarte, a maioria das pessoas dessa microrregião não teve outra alternativa que não fosse a de migrar rumo aos grandes centros urbanos, na esperança de conseguir renda para manter a si e a sua família, e sendo assim, os principais destinos dos emigrantes eram os grandes centros urbanizados do país - Rio de Janeiro e São Paulo.

Até mesmo quem não emigrou para os grandes centros urbanos não permaneceu no campo, pois poucos foram os moradores que continuaram a viver na zona rural da microrregião do brejo, a grande maioria deixou o campo e passou a morar na área urbana das cidades, a exemplo da cidade de Borborema⁷ que teve um grande aumento em sua malha urbana; entretanto em números absolutos, em decorrência do êxodo rural, a população de Borborema vem sofrendo um decréscimo, atualmente segundo os dados do último censo feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), Borborema conta com uma população de 5.111 (censo, IBGE 2010), os números populacionais são bem menores aos registrados na década de 50 para o

⁷ A cidade de Borborema está localizada na porção oriental do Planalto da Borborema, na micro região do brejo paraibano, como pode ser melhor visualizado nas figuras em anexo.

município de Borborema, este município possuía nos anos de 1950, 13.338⁸ habitantes, é perceptível que houve uma redução na população bastante significativa, demonstrando assim os reflexos sofridos com o fim da produção canavieira na região. Este dado reflete principalmente o êxodo rural que se manifestou neste e em outros municípios, os quais tinham na produção canavieira seu principal ponto de absorção da mão-de-obra local e que agora se deparava com uma nova realidade a qual a cana-de-açúcar já não era mais o sustentáculo econômico da região; desse modo, a população local teve que se adaptar e procurar novos meios para a sua sobrevivência.

É importante salientar que de uma forma genérica o Brasil conheceu o fenômeno da urbanização propriamente dita somente em meados do século XX, este fato corresponde a uma urbanização tardia e se levamos esta realidade as cidades do interior da Paraíba, esta urbanização se faz mais lentamente; tendo como traço peculiar a relação do urbano como o rural que se faz de uma forma mais latente, pois a grande maioria das pessoas desse município tem como fonte de renda, seja direta ou indiretamente, a agricultura.

Com base em nossa pesquisa é possível observar que a cidade de Borborema assimilou mais aspectos de uma cidade urbanizada pós-decadência dos engenhos, porém é sempre importante salientar que esta falência não foi o único aspecto impulsionador dessa mudança de “*estilo de vida*”; a maior urbanização das cidades que ocorreu em todo o Brasil e a própria difusão pelos meios de comunicação que espalhava os atrativos de viver nas cidades, são fatores que juntos podem ser apontados com indícios que ajudaram a consolidar a vida urbana em detrimento da rural; outro ponto crucial para esta mudança entre rural para urbano está na falta de oportunidade de trabalho na zona rural. (LEMOS, 2005)

De fato o índice hoje de urbanização da cidade de Borborema comparado a de décadas anteriores é bem maior, e o acesso das pessoas aos bens públicos, como saúde e educação, se tornaram mais fáceis. Porém, como na maioria das cidades pequenas do interior da Paraíba as principais fontes de

⁸ A referida população recenseada na década de 50 levou em consideração também a população de Bananeiras, pois nesta época, o atual município de Borborema era distrito de Bananeiras, dessa forma não dá para mensurar especificamente qual é a cota-parte que pertencia ao referido distrito, porém é sabido que o fenômeno de êxodo rural na região do brejo paraibano foi marcante tendo em vista que inúmeros engenhos da região entraram em “fogueto”.

emprego e renda da cidade de Borborema ainda é a agricultura, focalizada na subsistência e no plantio de bananas, como também a Prefeitura Municipal, e esta por sua vez vive do Fundo de Participação dos Municípios. É interessante ressaltar que na cidade de Borborema é nos bananais que atualmente se vislumbra mais possibilidade de emprego e renda.

É importante ressaltar que ao se pesquisar a substituição de um plantio de grande importância histórica e econômica como a cana-de-açúcar por outro que vem ganhando a cada ano mais produtores nas cidades do brejo paraibano e em especial na cidade de Borborema, deve-se considerar que esta modificação de cultura agrícola não se faz abruptamente, sendo assim, os extensos bananais que hodiernamente cobrem a maior parte das terras cultiváveis do município de Borborema tem sua provável origem no baixo custo para se iniciar e manter os bananais como também o clima predominante da região que corresponde ao tropical quente e úmido (AS') – segundo a escala de Köppen; além desses fatores já mencionados, é válido ressaltar a existência de um mercado consumidor para a produção borboremense, e assim os bananais foram angariando espaço e passaram a ocupar as terras que outrora eram dedicadas ao plantio da cana, pois essa se encontrava em crise.

2.2 ASPECTOS GERAIS SOBRE A BANANICULTURA

2.2.1 AS BANANAS NO BRASIL

O Brasil historicamente apresenta uma “propensão geograficamente natural⁹” como país agroexportador, nesta feita seria uma conseqüência lógica a substituição de uma lavoura em crise, a exemplo da cana-de-açúcar, por outro produto também agrícola que encontrasse maior aceitação no mercado internacional, neste contexto, não seria dissonante a presença cada vez maior de produtos como o café, a soja entre outros itens agrários que o Brasil exporta estes por suas vez estão correlacionados com a expansão interna das fronteiras agrícolas para abarcarem estas plantações; porém tais plantios apesar de terem uma considerável importância econômica para o nosso país não se fazem presentes em todo o território como produção que gera emprego e renda, a exemplo do Estado da Paraíba.

A Paraíba em sua produção agrícola tem como preponderância o cultivo de produtos tradicionalmente conhecidos e plantados há séculos, a exemplo do algodão que teve, segundo o IBGE, 160 hectares destinados para o seu cultivo, seguido da própria cana-de-açúcar que mesmo enfrentando algumas crises sempre esteve presente como produto economicamente forte e extensamente cultivado nestas terras, como demonstra os dados do supracitado Instituto de Pesquisa que aponta cerca de 122.8 hectares foram destinados ao cultivo da cana-de-açúcar em 2009 em toda a Paraíba, em contra partida, produtos como mandioca e a banana demonstra uma menor destinação de terras plantadas, a primeira teve destinado para o seu cultivo cerca de 27,7 hectares, já as bananas tiveram 17,4 hectares de área plantada; é importante salientar que estes dois últimos produtos apesar de terem menos representação por área plantada, assimilam uma maior importância social, pois sua produção é realizada, em sua maioria, por pequenos produtores rurais,

⁹ Este termo traz em seu bojo uma mentalidade recorrente principalmente até o início do século XX, que ainda encontra resquícios atualmente, o qual aponta o Brasil como lugar destinado à produção agrícola, é importante salientar que o clima e as extensões territoriais auxiliam para vislumbrar o Brasil como agroexportador, porém com a atual globalização e sua conseqüente expansão dos mercados, para que um produto agrícola se estabeleça no mercado se faz necessário mais que a “propensão natural” das terras, visto que o investimento em tecnologia e pesquisa se torna requisitos essenciais para a permanência e ou expansão dos produtos no mercado internacional.

sendo nesta feita, responsável por contribuir para a permanência das famílias no meio rural.

Ao se observar as lavouras cultivadas no território paraibano, sejam elas consideradas permanentes ou temporárias, são possíveis perceber que as tradicionais culturas ainda ocupam um importante lugar tanto na extensão das áreas cultivadas como também como fonte de emprego e renda para a população; porém outras alternativas de cultivo vem se apresentando tanto no cenário Estadual quanto no nacional nas últimas décadas, e uma delas é a bananicultura. Os frutos gerados pelos bananais ao redor do mundo tem uma grande aceitação popular e um considerável mercado, a este respeito, o pesquisador João Caetano Fioravanço, discorre:

(...) o grande volume de banana comercializada nos mercados mundiais pode ser explicado por vários fatores, entre os quais destacam-se: a possibilidade de produção continuada durante todo o ano, o elevado rendimento por hectare e ciclo reduzido da cultura, a facilidade de manejo e armazenamento da fruta verde e a simplicidade e rapidez de amadurecimento.

Trata-se, também, de uma fruta muito saborosa, rica em nutrientes, de fácil preparo e consumo e, portanto, apreciada pela maioria das pessoas. Além disso, análises recentes mostram que a banana está se convertendo cada vez mais em uma mercadoria intensamente intercambiável em alguns mercados como o europeu, por exemplo - Em 1995, 41,86% do volume total de banana importada pela União Européia foi (re) exportada para outros Estados-Membros, principalmente por Bélgica/Luxemburgo. Ou seja, é bastante grande a quantidade de produto que após entrar no mercado comunitário é objeto de ao menos uma nova operação comercial, provavelmente a um preço bem superior ao da importação de países terceiros.

Nesses mercados, de elevado poder aquisitivo e grande concorrência, essa nova dinâmica do setor configura-se em um fator de transcendental importância, principalmente para as empresas européias vinculadas a sua comercialização, pois a utilização de um mercado já consolidado como o europeu facilita a expansão das atividades para outros mercados e produtos. (FIORANVAÇO.s/a.p.16)

Como é possível observar na citação anterior às plantações de bananas se apresentam como uma produção economicamente viável tanto por possuir mercado consumidor, como também pela facilidade de manejo e armazenamento dessa fruta. É interessante observar que a banana é consumida por todas as camadas sociais, sua composição química traz importantes vitaminas como: A, C, B1, B2, B5, e também, potássio, ferro, sódio, magnésio; tendo um importante papel nutricional principalmente nas mesas das classes economicamente menos favorecidas. Dentro dessa perspectiva, bananicultura assimila um duplo grau de importância na sociedade brasileira,

pois se de um lado, devido ao seu teor nutricional é uma importante fonte alimentar, por outro os bananais são uma alternativa de produção que requer pouco investimento inicial tornando-se uma possibilidade rentável de cultivo. (FIORANVAÇO.s/a)

Neste contexto, e ao tomar como base a pesquisa realizada por Edson Batista e Ivanildo Cavalcanti, é possível vislumbrar que a abrangência do cultivo de bananas no território nacional é bem significativo, sendo as bananeiras encontradas em todas as regiões do Brasil, destacando-se, entretanto, como principais pólos produtores o Nordeste e o Sudeste; sendo que o primeiro é responsável por 34% da produção nacional. (LOPES et ALBUQUERQUE.2008)

O nordeste, que antes era conhecido quase que exclusivamente por produzir açúcar, hodiernamente tem uma maior diversificação em seus plantios, no entanto no caso específico das bananas apesar de ser o nordeste o principal centro produtor desse produto eles, porém, tem uma destinação quase que exclusivamente para o consumo interno das próprias capitais dos Estados Nordestinos, excetuando-se o sul da Bahia e o Estado de Pernambuco.

A produtividade da bananicultura brasileira vem paulatinamente crescendo sendo que em 2002 foi a fruta mais exportada em nosso território, segundo Margarete Boteon e Maria Leite, o volume de exportação de bananas no ano supramencionado foi de 129% maior, ao compará-lo como o ano anterior; dentro desse contexto é possível observar o seguinte quadro

TABELA 1 - Produção Mundial e dos Principais Países Produtores de Banana e Plátano, 1991-92, 1996-97 e 2001-02

(em mil toneladas)

País	Banana			Variação (%)	Plátano			Variação (%)
	1991-92	1996-97	2001-02		1991-92	1996-97	2001-02	
Índia	8.188	11.471	16.000	95,4	0	0	0	0,0
Equador	3.760	6.610	7.561	101,1	948	882	476	-49,8
Brasil	5.805	5.286	6.164	6,2	0	0	0	0,0
China	2.413	2.887	5.516	128,6	0	0	0	0,0
Filipinas	2.978	3.543	5.080	70,6	0	0	0	0,0
Indonésia	2.561	3.040	3.600	40,6	0	0	0	0,0
Costa Rica	1.820	2.350	2.135	17,3	46	51	76	64,3
México	1.992	1.962	2.010	0,9	0	0	0	0,0
Tailândia	1.625	1.725	1.750	7,7	0	0	0	0,0
Burundi	1.606	1.544	1.549	-3,6	0	0	0	0,0
Venezuela	1.227	1.074	1.050	-14,4	563	515	700	24,4
Uganda	565	590	981	73,6	7.943	9.224	9.533	20,0
Colômbia	1.660	1.549	1.513	-8,9	2.640	2.769	2.827	7,1
Nigéria	0	0	0	0,0	1.378	1.716	2.000	45,1
Gana	4	14	10	150,0	1.130	1.821	1.932	71,0
Ruanda	0	0	0	0,0	3.320	2.177	1.573	-52,6
Peru	0	0	0	0,0	754	1.345	1.450	92,3
Costa do Marfim	174	240	250	43,5	1.206	1.398	1.410	17,0
Camarões	825	893	850	3,0	520	1.308	1.400	169,5
Mundo	49.276	57.322	68.999	40,0	27.626	28.683	28.825	4,3

Fonte: Elaborada a partir de dados da FAO (2003).

comparativo da evolução produtiva das bananas. (BOTEON et MATTHIESEN. p. 2003)

É válido ressaltar que a expressiva exportação ocorrida naquele ano, não reflete uma maior qualidade na produção nacional, tendo em vista que os expressivos números produtivos são mitigados pela falta de tecnologia da pós-coleta, esta carência tecnológica obstaculiza a entrada das bananas brasileiras nos principais centros consumidores, a exemplo da União Européia, dos Estados Unidos, Japão, esses países juntos foram os responsáveis pela importação de mais de 70% da comercialização mundial da banana. É válido ressaltar que devido à crescente demanda mundial no consumo da banana países produtores vem aumentando a área plantada, porém, este mesmo crescimento não é observado quando vislumbramos o território nacional, a este respeito alguns pesquisadores elencam prováveis fatores que levam a tais índices aquém das possibilidades, visto que o clima brasileiro é favorável a tal plantio em quase todo o território, neste sentido observa-se:

... como fatores essenciais à racionalização da produção brasileira de banana e, conseqüentemente, aumento da produção e produtividade, a maior difusão de tecnologias, especialmente no que diz respeito a espaçamentos, adubações, desbaste, seleção de mudas e controle de pragas e doenças. Acrescenta, ainda, a necessidade de criação de uma infra-estrutura adequada de comercialização, a ampliação dos trabalhos de pesquisa em vários aspectos relacionados à produção e comercialização e o estabelecimento de um programa para a cultura que possibilite a canalização de recursos para pesquisas, financiamento da produção, organização dos produtores e promoção do produto. (FIORANVAÇO. s/a.p.18)

Tomando como base a análise, é possível observar que no Brasil faltam incentivos tecnológicos para melhorar a produção, corroborado com maiores estudos que propiciem uma qualificação tanto das técnicas de plantio, como também do controle das pragas e doenças que atingem os bananais. Neste mesmo contexto que elencam os prováveis caminhos a serem percorridos pelo Brasil para que se torne um exportador de bananas para os grandes centros comerciais, vislumbramos também o seguinte comentário:

Gonçalves; Perez; Souza (1994) considera que para a produção brasileira de banana ter alguma possibilidade de sucesso em termos de competitividade, há a necessidade de uma política ativa por parte do governo que lance as bases da organização de uma moderna produção que rompa com a tradição de fruticultura extrativa

associada a essa cultura e constitua uma ampla cadeia integrada, da produção ao consumo. Ou seja, deve se evoluir de sistemas de plantio semicomerciais, de baixo rendimento e que proporcionam produtos de baixa qualidade, para sistemas de alta tecnologia, mais eficientes, de maior rendimento, e que resultam em produtos de elevada qualidade. (IDEM)

Como é possível vislumbrar na citação acima, para que a produção de fruticulturas no Brasil, em especial a de bananas, assimile um caráter competitivo deve-se ter uma maior integração das cadeias produtivas, interligando-as de forma moderna desde a produção do fruto até a sua destinação final, que é as mesas dos consumidores, entretanto para que haja essa interligação se faz necessário um incremento de políticas públicas que promovam o incentivo a pesquisa e a procura de novas tecnologias que auxiliem na qualificação e melhoramento dos bananais. Outro fator para a pouca relevância dada à bananicultura no Brasil, foi apontado pelo pesquisador Fioravanço, como sendo proveniente de seu caráter minifundiário do plantio da banana, que, por conseguinte gera pouco incentivo governamental nas pesquisas tecnológicas correlacionadas a este fruto, como é possível perceber na citação abaixo:

Fioravanço (1998) associa o baixo rendimento médio no Brasil, entre outros fatores, ao caráter minifundista das propriedades onde a cultura é desenvolvida, cujos elementos mais caracterizadores são o emprego de mão-de-obra familiar, o reduzido capital disponível para investimentos e o deficiente grau de utilização das tecnologias de produção e manejo pós-colheita. (IDEM)

Ao visualizar a citação de Fioravanço é possível perceber que a produção de bananas aqui no Brasil é vista ainda como uma produção de predominância do trabalho familiar não sendo observadas grandes extensões latifundiárias destinadas exclusivamente para este tipo de plantação. É interessante observar que ao contrário do Brasil, a própria produção de bananas em larga escala destinada para os grandes centros consumidores tem como uma de sua principal característica a grande extensão de terras destinadas para esta cultura como também a presença histórica da participação de multinacionais, estas por sua vez se fazem presentes em todo o processo, deste o cultivo das bananas até a comercialização; neste panorama internacional o qual figuram as multinacionais como um diferencial

que tangenciam no limiar entre um país que tem importância na exportação de bananas para outro que não apresenta o mesmo desempenho.

As multinacionais representam um importante conglomerado que abarcam significativa parcela dos lucros auferidos com a produção de bananas, é interessante observar que são três as grandes empresas transnacionais que dominam tal mercado, sendo elas: “Chiquita Brands International, Dole Food Company e Del Monte Foods; estas possuem importantes plantações e, em muitos países (...). As diferentes zonas bananeiras no mundo distinguem-se em função da presença ou não de tais empresas” (PORTILLO, 1993, Apud. FIORAVANÇO, s/a, p.22)

Como já fora exposto anteriormente, a bananicultura no Brasil, de uma forma genérica, não apresenta uma importante representação no mercado internacional, este talvez seja um dos fatores que expliquem a não presença das multinacionais ligada a este tipo de cultura aqui no Brasil, a realidade dos produtores de bananas no Brasil, em sua maioria, estão representados pela presença de pequenas propriedades com baixa infra-estrutura tecnológica e que utilizam a mão-de-obra familiar e o principal mercado consumidor das nossas bananas é o próprio mercado interno ou países da América do Sul; dentro dessa perspectiva da produção brasileira as autoras, Marina Leite Matthiesen e Margarete Boteon, trazem um interessante estudo, o qual demonstra as particularidades e semelhanças das principais regiões produtoras de bananas, a este respeito discorrem:

Nas regiões produtoras de banana avaliadas, pode-se concluir que há mais semelhanças do que diferenças quanto à estrutura produtiva e de comercialização. (...)

A região com maior diferença é o eixo Petrolina-Juazeiro na qual a variedade difere das demais e sua produção é totalmente voltada ao mercado local. Além disso, devido à alta rentabilidade de cultura como a manga e a uva, região vem perdendo o interesse pela produção de banana.

Contudo, há algumas diferenças regionais que influem no desempenho de cada região, principalmente quanto à proximidade do mercado consumidor, o grau de tecnificação de produção e de pós-colheita e a organização dos produtores.

As regiões praticamente não competem por mercados consumidores e desenvolvem sua comercialização nos mercados próximos a sua produção. O Vale do Ribeira (SP) concentra sua comercialização em São Paulo, o Norte de Santa Catarina para o mercado argentino, Petrolina-Juazeiro direciona sua produção para o mercado local enquanto o Norte de Minas para Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília e Goiânia.

No Vale do Ribeira (SP), apesar de predominância de pequenos produtores, alguns vêm elevando sua produção e produtividade, além de melhorias nas tecnologias de produção e pós-colheita. Assim, esses produtores mais tecnificados obtêm uma melhor remuneração pelo produto devido à escala de produção e a qualidade da fruta. Outra diferença é quanto à organização dos produtores que possibilita mesmo o pequeno produtor elevar seu poder de barganha na compra de insumos bem como ofertar um produto de melhor qualidade. Uma região que merece destaque é o Norte de Minas. A bananicultura persiste na região com profissionalismo de parte dos produtores bem como a eficiência de algumas cooperativas locais, possibilitando a produção de um fruto de excelente qualidade. Nas regiões analisadas, o principal estado exportador é o Norte de Santa Catarina, mas isso se deve principalmente a proximidade da região produtora com os nossos países vizinhos em relação à produção dos demais. (MATTHIESEN et BOTEON. s/a. p.16)

Partindo do exposto pelas autoras, é possível perceber que o plantio de bananas no Brasil se encontra em um estágio incipiente ao compararmos nossa produtividade frente das possibilidades produtivas de nossas terras, esta disparidade fica mais latente ao compararmos aos principais países exportadores de banana a exemplo de: Equador, Filipinas, Costa Rica, Colômbia entre outro; esses países possuem uma considerável parcela do mercado internacional.

Outro interessante dado trazido pelas autoras está no fato de que nas relações de Estados brasileiros que produzem bananas não é mencionado o Estado da Paraíba, porém no último quinquênio que compreende os anos de 2005 a 2010, segundo o IBGE, a Paraíba vem apresentando um sensível crescimento tanto em sua área destinada a produção de bananas como também o valor da produção, como é possível visualizar os gráficos abaixo:

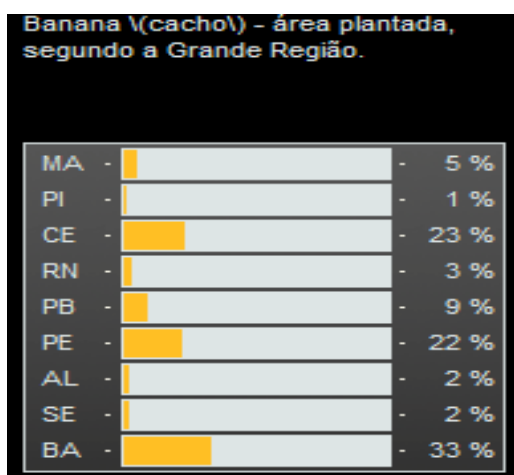


FIGURA1: lavouras temporárias/2009(área plantada).

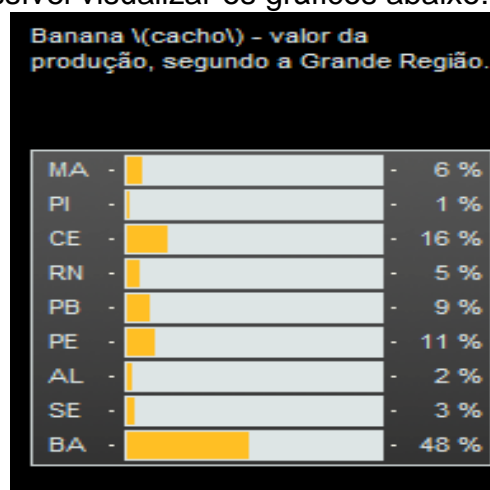


FIGURA 2: valor da produção de bananas FONTES:(www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250270).

Ao tomar como base nos gráficos apreendidos no site oficial do IBGE, é possível observar que a Paraíba vem crescendo sua participação no plantio de bananas, contudo a sua produção apresenta os mesmos perfis do resto do país, ou seja, tem como característica produtiva o minifúndio, o emprego de mão-de-obra familiar, correlacionada também ao reduzido capital disponível para investimentos e pouca tecnologia de produção e manejo pós-colheita.

É interessante observar que apesar da pouca tecnologia e o caráter minifundiário que a bananicultura apresenta no Brasil, estas mesmas características que a priori pode ser vista como sendo de perfil negativo, ganham novos significados ao serem vislumbrados sobre a ótica de pequenos produtores rurais que ao trabalhar com a banana têm a possibilidade de auferir lucros com baixos investimentos, além desse perfil econômico das bananas, elas também corroboram com a fixação do “homem a terra”, pois em cidades pequenas de economia rural há uma tendência de não absorção da mão-de-obra dos jovens, nesta feita ao propiciar uma alternativa de renda e de economia familiar, mesmo em minifúndios, traz uma possibilidade para a população daquele município que não seja a tradicional emigração, dentro dessa perspectiva, é que vislumbramos os bananais da cidade de Borborema/PB.

2.2.2 TRABALHO E RENDA NO MUNICÍPIO DE BORBOREMA

O município de Borborema, segundo o IBGE, possui uma área de 25,98 km², tendo como vegetação predominante a Caatinga. De uma forma geral, ao observarmos o município citado tendo como foco as oportunidades de emprego e renda, se torna possível sintetizar que as possibilidades de renda da cidade de Borborema circundam em dois eixos, no qual o que mais absorver mão-de-obra é o setor que compreende os serviços, realidade compartilhada tanto a nível Estadual como em âmbito nacional; sendo que o segundo que mais gera emprego e renda é o setor da econômica primário, o qual tem como principal produção a bananicultura. Para ilustrar o exposto, trouxemos o próximo gráfico formulado pelo IBGE, o qual apresenta o nível de importância econômica de cada um desses setores econômicos para a cidade de Borborema.

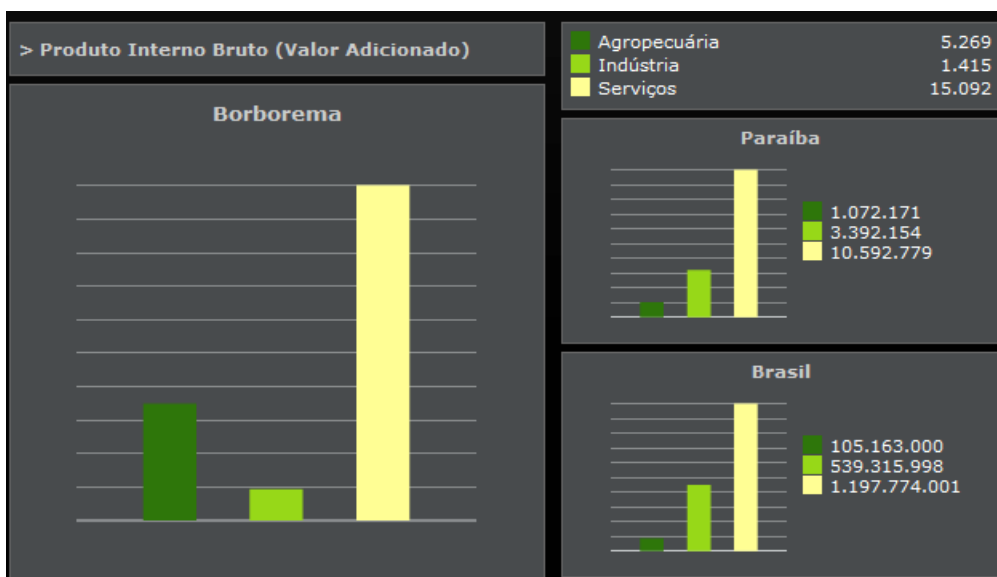


FIGURA 3: Setores econômicos e importância no PIB de Borborema. (2009)
 FONTE: (<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250270#>)

Ao vislumbrarmos a cidade de Borborema é possível perceber que esta cidade contextualiza como a maioria das cidades do interior desse nosso país, a qual tem dificuldades em gerar emprego e renda para a população e estes fatores juntos ajudam à emigração desses lugares que se tornam *verdadeiros “expulsodromos”* de jovem, e este fator gera um ciclo vicioso, pois se uma cidade não tem emprego para os seus jovens estes tendem a ir procurá-lo em outros lugares e ao fazê-lo levam sua força de trabalho, sua renda, estes fatores que poderiam gerar mais renda para a localidade se esvaem junto a população que emigra. É interessante observar que é sobre a população economicamente ativa que este fato mais ocorre; dentro dessa perspectiva e ao tomarmos como parâmetros a referida realidade, e ao lançarmos luz sobre a pirâmide etária do município de Borborema é possível visualizar em números a representação de tal “imposição econômica¹⁰”, a este respeito, observa-se o seguinte gráfico:

¹⁰ O termo “imposição econômica” conota uma abrangência sociocultural que propiciam e estimulam a força economicamente ativa de uma região a emigrar para outra em busca de melhores condições de emprego e renda, estes emigrantes por muitas vezes voltam a sua cidade de origem, ao se depararem com os sub-empregos e precárias condições de vida vivenciada nesta nova realidade.

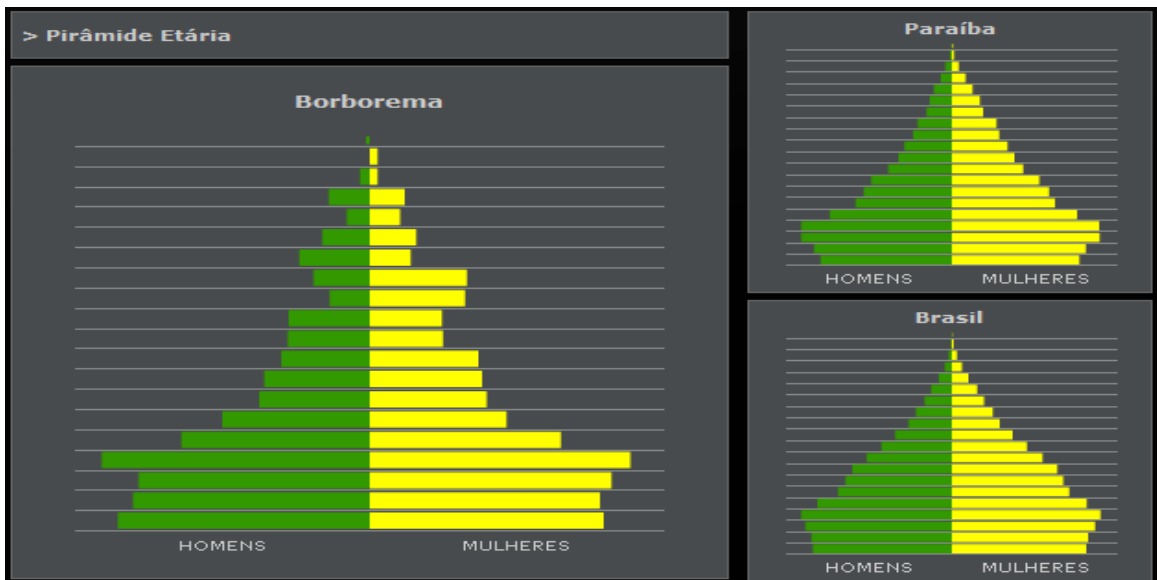


FIGURA 4: Gráfico populacional da cidade de Borborema(2009)

FONTE: (<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250270#>)

Como podemos ver no gráfico, a base da pirâmide que representa crianças e jovens tem um considerável estreitamento da pirâmide quando estes transitam para a idade de 20 anos, demonstrando a emigração principalmente entre os homens; com base nesta perspectiva, a população de Borborema está longe de recuperar a quantidade de habitantes que possuía na década de 50, porém nos últimos censos a população demonstra um constante crescimento, a este respeito, o IBGE traz:

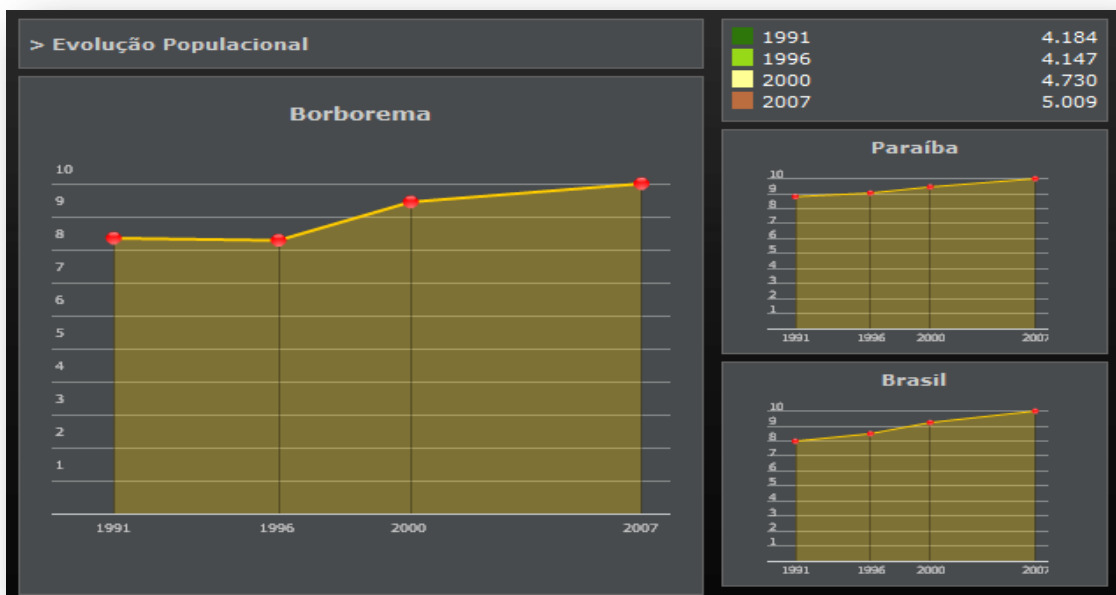


Figura5: Evolução populacional de Borborema

FONTE: (<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250270#>)

É importante salientar que além da elevação populacional ocorrida nos últimos anos, neste município, também se observa uma elevação na renda per capita, estes dois fatores tem como justificativa tanto as políticas publicas de distribuição de renda como também alternativas de renda que tem como base a produção de bananas, tendo em vista que dos bananais borboremense saem mais que bananas em sua forma *inatura*, mas também artesanatos feitos tendo como base a fibra extraída do caule das bananeiras.

Destarte, é visível que as bananas para a cidade de Borborema têm uma relevante contribuição econômica e social, visto pois, é ela a principal cultura permanente do município como podemos ver abaixo:

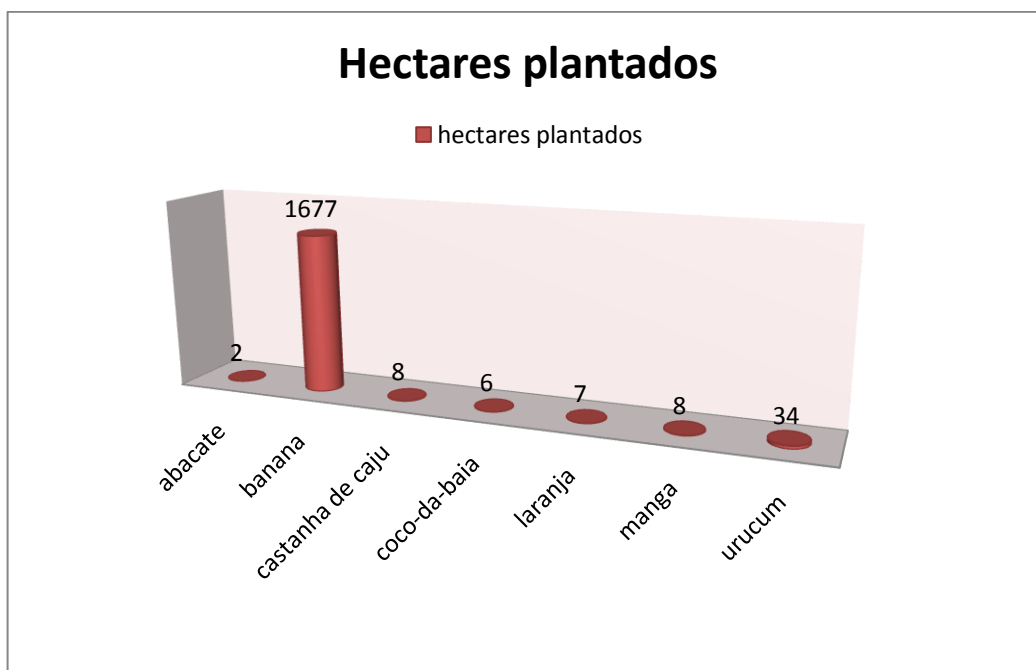


Figura2: gráfico de hectares plantados de lavoura Permanente em 2008 segundo o IBGE
FONTE: (IBGE, 2009)

Esta relevância dos bananais para Borborema vai para além da quantidade de hectares plantados, pois além do fator econômico tem também, como já mencionamos, o fator social, visto que ao absorver uma considerável parcela da população, dando a essa a oportunidade de continuar a viver na cidade de Borborema sem ter que procurar outros centros para auferir renda corroborando para uma maior urbanização do próprio município, nesta feita, a produção de bananas aqui no município de Borborema assimila múltiplos significados, os quais mesmo fazendo parte das características produtivas apresentadas no território nacional (o minifúndio, a pouca tecnologia, etc.) a bananicultura em Borborema,

principalmente no último quinquênio – que abrangem do ano de 2005 ao de 2010 – vem trazendo novas possibilidades para uma cidade do interior da Paraíba.

3.1 A IMPORTÂNCIA SOCIOECONÔMICA DOS BANANAIS EM BORBOREMA NO SÉCULO XXI

Como foi possível vislumbrar no capítulo anterior a plantação de bananas a nível mundial a cada dia ganha mais mercado e vem se tornando um dos mais importantes produtos exportado pela América Latina, tal expansão tem como principais motivos o fato da plantação de banana ser uma produção economicamente viável tanto por possuir mercado consumidor, como também pela facilidade de manejo e armazenamento dessa fruta. Já na esfera municipal a bananicultura ocupa, em Borborema, um lugar de destaque tanto no âmbito social quanto no econômico, tendo em vista que direta ou indiretamente absorve uma considerável parcela da população economicamente ativa.

Dentro dessa perspectiva a bananicultura no município de Borborema gera renda e mobiliza socioeconomicamente famílias, desse modo, a própria geografia do ambiente é modificada, visto pois, os intermináveis bananais tingem de um verde uniforme a maior parte das serra que compõe o referendo território, como é possível observar na fotografia a seguir:



Foto1: Bananais de Borborema. (Fonte: Arquivo pessoal do autor Em:22/11/2010)

A plantação de banana é uma cultura de características de cultivo permanente sendo plantada e ocupando a grande maioria da zona rural desse município, com isso os reflexos de tais plantações são sentidos diretamente na vida cotidiana dos munícipes, pois apesar da cidade de Borborema ter mais habitante

vivendo em seu perímetro urbano esta cidade não dissolveu os antigos laços que remontam ao período dos engenhos quando a maior parcela da população vivia e dependia da zona rural, hodiernamente apesar da agricultura ocupar a segunda posição da econômica municipal, o número de pessoas vivendo na zona rural é menos da metade do total do município, somando o valor de 1.379 habitantes de acordo com os dados do censo 2010 e em contra partida a zona urbana do município soma 3.732 habitantes.

A expressiva diferença entre o urbano e o rural na cidade de Borborema não sintetiza um rompimento definitivo e latente dos dois estilos de vida, como em outras cidades urbanizadas, nessa cidade muito do rural está presente no urbano como também não se delimita de uma forma muito acentuada o início da cidade e o fim do campo; desse modo, não são raros os dias que comboios de burros carregados de bananas que atravessam as ruas principais da cidade, vindos dos sítios em direção aos depósitos, para em seguida serem vendidas para as cidades e Estados vizinhos; o comboio de burros que se forma, fazem lembrar os caixeiros viajantes de outrora, relembrando a descontinuidade das práticas sociais que torna a cidade de Borborema um reflexo da permanência e das modificações que uma cidade do interior da Paraíba vivencia; a este respeito é possível observar a seguinte foto:



Foto2: Comboios de burros carregados de bananas. (Fonte: Arquivo pessoal do autor Em:22/11/2010)

Como vemos na fotografia anterior as tradicionais formas de transporte de cargas são comumente usadas independente da idade do condutor, pois a utilização dos burros como meio de transporte não é privilégio das gerações mais antigas, pois as novas gerações já fazem uso de tal meio como fica ratificado na imagem anterior.

De uma forma geral a vida e o seu cotidiano em uma cidade são feitos de continuidades e descontinuidades e nesta mescla de vivências é que se constroem os tramas e relacionamentos humanos, não sendo diferente aqui na cidade de Borborema, pois como vimos no primeiro capítulo da presente monografia, se antes tínhamos uma cidade completamente voltada para a produção canavieira hoje já não mais condiz com este passado, tendo em vista que dos treze engenhos que um dia funcionaram na Cidade, paulatinamente, nem um único engenho resistiu à crise e continuou funcionando no município de Borborema; o legado da crise no setor canavieiro, como vimos, levou a imigração em massa da população de Borborema para outros centros urbanos da própria região como Guarabira, ou mesmo cidades maiores no mesmo Estado como João Pessoa ou Campina Grande e outra considerável parte da população que emigrou escolheu outras cidade fora do Estado, principalmente as grandes metrópoles nacionais (Rio de Janeiro e São Paulo).

De uma forma genérica, o cotidiano da cidade de Borborema é marcado por muito das permanências da vida que se manteve desde a falência dos engenhos, e assim, muitas pessoas vivem da agricultura de subsistência e da comercialização de banana; as bananas são um dos principais produtos comercializados neste município e são transportadas nas cangaias de burro, semelhantes aos caixeiros viajantes de antigamente como foi visualizado na imagem anterior. Muitas pessoas passam o dia transportando esta mercadoria de feira em feira nas cidades circunvizinhas. Esta atividade absorve parte da mão-de-obra economicamente ativa, seja de forma direta ou indireta; é importante salientar que dos bananais borboremense sai mais do que apenas bananas, pois muitos moradores passaram a produzir artesanatos, tendo como matéria prima a fibra da banana.

Já a máquina pública ainda é uma importante fonte de emprego, renda e de manipulação política, pois quem possui um emprego público, goza de status, porém são poucos nessa condição privilegiada e em sua maioria não possuem estabilidade, pois são provenientes de livre nomeação. Quem não tem emprego público sobrevive de pequeno comércio particular, entre tantos, a maior parte da população vive realmente da venda de banana para cidades como Nova Cruz, Santo Antônio e outras cidades do Rio Grande do Norte, já as exportações para as cidades

circunvizinhas dentro da própria Paraíba, se destacam as cidades de Guarabira, Bananeiras, Solânea, Mari e Sapé.

É interessante observar que o ano de 2005 traz um marco na tentativa de diminuir o número de desempregados do município, pois começou a ter cursos de artesanatos tendo como fonte primária a fibra da banana, este empreendimento passou a absorver cada vez mais mão-de-obra; no entanto, a vida no seu dia-dia, da maior parte da população de Borborema, em geral não muda muito, permanecendo praticamente a mesma por décadas, e que se resume em levar as crianças para escola pela manhã e depois ir ao sítio; no fim da tarde voltar para suas casas e depois do jantar vai-se a praça jogar baralho e sinuca no bar central.

Este cotidiano de atmosfera pacata e familiar que a cidade de Borborema propicia aos seus moradores, também é observado na bananicultura, visto que a mesma tem um caráter essencialmente familiar, desse modo filhos de agricultores tendem a ser trazidos ao trabalho que um dos genitores exerce desde muito cedo, dando assim continuidade aos negócios da família, que em Borborema do século XXI de uma forma geral é sinônimo de bananas, sejam em sua forma *inatura* com é apresentado na fotografia a seguir ou através dos inúmeros artesanatos proveniente da fibra da banana, que atualmente vem se tornando mais uma alternativa de renda familiar proveniente dos bananais.



Foto 3: Produtor de bananas e seu estoque. (Fonte: Arquivo pessoal do autor. Em: 22/11/2010)

Ao se visualizar as possibilidades que o plantio de bananas pode vir a ter como fonte de renda familiar e que, por conseguinte, gera uma diminuição nos índices migratórios do município; dentro dessa perspectiva o qual coloca a produção de banana como geradora de divisa é bem mais perceptível tais impactos na vida social quando propiciamos a visualização de tais realidades através de relatos apreendidos com base em entrevistas aplicadas tanto com os agricultores como também com os artesões.

Não obstante, com base em dados da EMATER-PB existem 333 (trezentos e trinta e três) produtores de bananas dos quais a grande maioria destina sua produção ao mercado nos Estados vizinhos, desse modo estima-se que 90% de toda a produção de banana de Borborema sejam exportadas para o Estado do Rio Grande do Norte, outro importante dado cedido pela EMATER está nas variedades de tipos de bananas plantadas neste município, destacando comercialmente os seguintes tipos: Nanica, Nanicão, Jasmim, Pacovan, Maçã e chifre de Boi. É válido ressaltar que em Borborema o principal tipo plantado e comercializado é a Pacovan, nesta feita, a própria EMATER vem desenvolvendo pesquisas para desenvolver uma espécie de banana Pacovan mais resistente às pragas.

Dentro dessa perspectiva e com o intuito de visualizar mais de perto a realidade socioeconômica dos trabalhadores que fazem dos bananais o seu sustento familiar, foram feitas algumas entrevistas para melhor visualizar o perfil socioeconômico dos agricultores que trabalham no plantio de bananas; desse modo, foi observado que 100% dos entrevistados já trabalhavam na agricultura e mais da metade deles tem mais de 18 (dezoito) anos de trabalhos na produção ou comercialização da cultura da bananeira, este considerável período demonstra que a bananicultura vem gerando renda e propiciando a fixação do homem do campo em seu município de origem. Nesta feita, quando foi perguntado se a bananicultura trouxe nos últimos cinco anos que corresponde o período de (2005 a 2010) algum prejuízo ou lucro, como também neste período como o entrevistado avalia a sua condição econômica e de sua família; nestes aspectos as respostas foram quase unânimes, excetuando um agricultor que teve prejuízo. Com relação às entrevistas é possível observar os seguintes depoimentos:

Meu nome é José Regivaldo C. dos Santos, tenho 26 anos e moro na própria cidade de Borborema, sempre trabalhei com a agricultura mas com a banana faz 10 anos. As terras que hoje eu cultivo foram de um antigo engenho que nem sei o nome, e assim uns venderam as terras dos

engenhos quando faliram outros já faleceram e alguns são herdeiros, mas eu comprei a minha terra.

De 2005 a 2010, eu, nestes últimos anos, venho tendo um bom crescimento em dinheiro, pois a banana cada vez mais estão dando um bom desenvolvimento, sendo bom, rentável...(Depoimento de José Regivaldo C. dos Santos)

Como é possível observar no depoimento anterior do jovem agricultor, em sua análise os rendimentos recebidos por ele em sua atividade foi rentável tendo sido positivo o seu saldo nestes últimos cinco anos, esse fator econômico de uma forma direta ou indireta traz reflexo na própria visão que este morador tem para com a sua cidade, desse modo, quando foi perguntado ao senhor José Regivaldo se ele pudesse escolher continuaria morando na cidade de Borborema, a resposta foi positiva, pois segundo o agricultor a cidade “é muito boa, tranqüila” e assim não pensa em se mudar. A opinião do entrevistado também é comungada por outros colegas agricultores a exemplo de Petruce das Chagas da Silva, Paulo Felipe dos Santos e Roselyo Cadete das Neves, que também não pretendem mudar de cidade; com relação à renda auferida nos últimos cinco anos por esses produtores de bananas o senhor Petruce tem a seguinte opinião:

Eu tenho quarenta e dois anos e trabalho com bananas há trinta anos, e nestes últimos tempos tem melhorado, e né que minha família de 2005 para cá, melhorou de vida, pois consegui comprar um carro pra minhas necessidades e um terreno, e graças a Deus não tive prejuízo nos últimos anos, não. (Depoimento de Petruce das Chagas da Silva)

Este mesmo clima de otimismo que é visualizado no depoimento do senhor Petruce também é confirmado pela maioria dos entrevistados como se observa no relato do senhor Roselyo e Paulo Felipe:

Tenho trinta e quatro anos e há dezoito planto banana e no período de 2005 a 2010 tive um crescimento de 100% e tripliquei neste período os meus lucros e minha vida melhorou já que não tinha casa e agora tenho, não tinha moto e tenho, e nem terreno eu tinha e agora comprei tudo isso obtive por meio da cultura da banana. (Toselyo C. da Neves)

Meu nome é Paulo Felipe dos Santos, tenho 57 anos e trabalho com bananas há 32 anos, as terras que eu planto minhas bananas pertencia ao Engenho Nova Esperança no qual o proprietário Edmundo Guedes que faleceu e os trabalhadores, hoje são os proprietários das terras, em sua maioria plantam bananas e roça. Teve vez que a banana deu prejuízo, pois o preço caiu, mas agora o preço tá auto e dá para ter lucro.

Bem, do período de 2005 pra cá eu melhorei de vida, antes morava no sítio, onde tudo é mais difícil, hoje moro na cidade e tudo fica mais fácil. (Paulo Felipe dos Santos)

Genericamente analisando os depoimentos é possível perceber que no último quinquênio a condição de vida dos agricultores melhorou, em parte pelo próprio preço da banana ter se mantido em alta, como se percebe nos relatos nos entrevistados; um fato peculiar se encontra no depoimento do produtor José Ednaldo das Neves que declara ter tido prejuízo nestes últimos cinco anos, a este respeito temos o seguinte relato:

Sou José Ednaldo das Neves tenho 35 anos e moro na cidade de Borborema, há quinze anos trabalho com plantação de banana e nos últimos anos com melhoria do cultivo da terra fez com que o plantio produzisse mais, mas tive prejuízo porque não choveu direito; e assim piorou a minha vida porque tive prejuízo em minhas plantações. (José Ednaldo das Neves)

O depoimento do senhor José Ednaldo, vai de encontro aos outros depoimentos haja vistos que os outros depoentes relatam um significativo aumento dos lucros no último quinquênio; essa mesma atmosfera otimista que a maior parte dos produtores demonstra em seus depoimentos também é observada por aqueles que trabalham com o artesanato proveniente da fibra da banana. Na pesquisa realizada foi colhidas a entrevista com os quatro principais artesãos da cidade, e com relação aos lucros auferidos com esta atividade, todos foram unânimes em afirmar que nos últimos anos vêm se consolidando o artesanato em Borborema e que de 2005 a 2010 foram bem significativos os lucros, como também a visibilidade do artesanato da fibra da banana para além dos limites territoriais desse município; alguns modelos produzidos, tendo como base a folha da banana pode ser visualizado nas fotos que se seguem:



Foto 4: Quadro feitos da fibra da banana. (Fonte: Arquivo pessoal do autor. Em: 21/04/2011)



Foto 5: caixa de presente produzida a base da fibra da bananeira. (Fonte: Arquivo pessoal do autor. Em:21/04/2011)

Neste contexto de expansão dos produtos artesanais provenientes da fibra da bananeira, este artesanato deixa de ser um instrumento de complementação da renda familiar e passa a cada dia ter seu reconhecimento, seja de cunho artístico ou mesmo, e principalmente financeiro. Desse modo, algumas perguntas foram feitas para os artesões no qual tinha como intuito obter uma análise perfunctória sobre a produção dos artesanatos, comercialização e a opinião que dessas pessoas têm com relação à cidade em que vive e trabalha, sendo assim obtivemos sinteticamente os seguintes comentários:

Meu nome é Adriana do Carmo de Oliveira, nasci em São Paulo e tenho vinte e nove anos; vivia em casa só cuidando dos meninos, mas agora tenho o que fazer, tenho renda, não é muita não, mas já deu para comprar umas coisas para mim e para casa, tô feliz e pretendo continuar a fazer o artesanato até o dia que Deus me der força e criatividade.e gosto muito de morar aqui em Borborema porque é uma cidade calma e boa, todos conhecem todos e se ajudam como podem. É bom viver aqui, não pretendo sair, não. (Adriana do C. de Oliveira)

Como se observa a artesã entrevistada se encontra satisfeita com os ganhos auferidos com suas atividades, outro dado interessante está no fato da artesã Adriana ter vindo de uma cidade considerada megalópole e estar satisfeita com uma cidade bem menor, refletindo uma tendência que aponta um maior crescimento proporcional das cidades médias e pequenas em comparação aos grandes centros, demonstrando assim que por muitas vezes a tranquilidade do interior é um atrativo a mais para as cidades menores. No depoimento da artesã também é possível visualizar que o artesanato da fibra da banana em Borborema tem como público alvo em especial mulheres que não possuía renda fixa anteriormente, como fica explícito no depoimento de outra artesã, a Simony Amorim.

Faz uns cinco anos que trabalho com artesanato, e tudo começou depois que tive a oportunidade de fazer o curso de artesanato. No início tudo era muito difícil, tinha que ir ao sítio e procurar os rolos de bananas bom para fazer as peças, é bom o rolo do mesmo dia, aí eu ponho para secar... eu ainda faço isso, mas agora já dá mais lucro e posso mandar um menino panhar pra mim.

Depois que aprendi a fazer os objetos com a fibra da banana não parei, cada tempo eu invento um objeto novo, atualmente o que dá mais trabalho em fazer é o anjo e as bonecas, e o que mais vende são as caixas de presentes.

Com o artesanato eu viajo para expor os meus objetos, já foi para João Pessoa, Natal, Campina Grande e assim quanto tenho oportunidade eu vou. Trabalhar com o artesanato dá trabalho mas vale a pena, é quase uma terapia para mim, pois não tenho emprego, e assim eu tenho um sustento, e por isso estou muito feliz. (Depoimento de: Simony Amorim)

Outros artesãos comungam com o depoimento de Simony e discorrem que o artesanato da fibra da banana é uma alternativa, ocupação laboral e de renda, tais opiniões foi ratificada por Josineide Targino, segundo ela:

Eu e meu marido trabalhamos juntos fazendo o artesanato da fibra da banana, o Mido, meu marido, faz de tudo também, pega os troncos da banana no sítio e coloca para secar, depois tira as fibras e separa para fazer o artesanato, ele faz mais caixinhas de presentes eu faço de tudo, caixinhas, garrafas, bonecas, anjos, Papai Noel de tudo eu faço e invento. Tô feliz de morar em Borborema e com artesanato melhoramos de vida, gosto de morar aqui só precisa, mas de emprego para os jovens em Borborema. (depoimento de: Josineide Targino)

Para melhor ilustrar a fala da artesã Josineide, publicaremos algumas fotos, uma a própria artesã produzindo suas peças e a outra foto traz exemplos dos “trabalhosos” bonecos feitos pelo casal.



Foto 6: A artesã e seus artesanatos. (Fonte: Arquivo pessoal do autor. Em:21/04/2011)



Foto 7: Bonecos da fibra. (Fonte: Arquivo pessoal do autor. Em:21/04/2011)

Como se ver nos depoimentos anteriores e foi ratificado pelas imagens complementares, o artesanato da fibra da bananeira vem propiciando uma absorção da mão-de-obra de pessoas que se encontrava fora do mercado do trabalho desse modo o artesanato assimila múltiplos significados que estão além do valor econômico gerado, mas e principalmente no valor social, pois através do artesanato da fibra da bananeira algumas pessoas da cidade de Borborema tornaram-se economicamente “auto-suficientes”, não dependendo única e exclusivamente, para o seu sustento, de políticas públicas inclusivas, como bolsa família e similares. Dentro dessa perspectiva, tanto os bananais como os artesanatos são importantes meios socioeconômicos que movimentam a sociedade de Borborema modificando a paisagem rural/urbana e refletindo em uma maior mobilidade econômica para os municípios, e assim os bananais que substituíram as canas-de-açúcar tanto ocuparam esse lugar na zona rural, mas também como meio de vida para as pessoas que vivem na zona urbana, visto pois, as bananas se fazem presentes diariamente na vida dos borboremenses, seja de forma direta ou indireta.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Borborema como centro urbano constituído geograficamente, possui em suas peculiaridades de cidade de interior o diferencial que modela as relações interpessoais e socioeconômicas; de uma forma geral o espaço urbano que constitui o atual município de Borborema é fruto do contexto de mudanças que o Brasil novicentista vêem impondo a sua população o qual tem na consolidação de um modelo no qual terá como sustentáculo, cultural e econômico, os centros urbanos do país.

Como sabemos o Brasil conheceu o fenômeno da urbanização propriamente dita somente em meados do século XX, até então, a vida urbana resumia-se, na maior parte do País, a funções administrativas voltadas a garantir a ordem e coordenar a produção agrícola, especialmente o açúcar, o café e a pecuária. Foi, porém tardiamente, que se impôs ao Brasil uma nova lógica na organização de sua sociedade; as inovações econômicas e sociais marcantes associam-se neste contexto, à revolução demográfica, ao êxodo rural e à integração do território pelos transportes e comunicações. Não se pode esquecer que o processo de urbanização brasileiro foi construído com base essencialmente na falta de planejamento estrutural ou mesmo de leis que regulamentassem esse processo de urbanização e esta carência é visível tanto nas metrópoles quanto nas cidades pequenas como Borborema, a diferença básica é que aquelas já embelezaram suas ruas centras e barros nobres, e as cidades pequenas estão iniciando ou estão dando continuidade a este processo.

Porém esse processo de urbanização não se dá de uma forma padronizada em todo o território brasileiro, pois ele tende a coexistir com permanências que são mais visíveis quanto mais se distancia dos centros econômicos. É importante observar que a cidade de Borborema é fruto do surto de urbanização que atingiu o Brasil durante a década de 50, porém permaneceu dependente economicamente de sua zona rural; todavia a localidade onde hoje é Borborema é mais antiga do que sua emancipação enquanto cidade, pois ela faz parte da que se convencionou chamar de “civilização do açúcar”, pois os seus engenhos datam do século XIX.

Esta população viveu e ainda vive da lida com a terra onde antes era cana-de-açúcar hoje é banana e lavoura de subsistência, a cana-de-açúcar e seus engenhos hoje são apenas símbolos da grandiosidade de um tempo que Borborema vivenciou, mas que se encontram em ruínas; e nas antigas terras dos engenhos, hoje, o que se vê são extensos bananais que permanecem sempre verdes devido ao clima favorável dessa Terra situada na microrregião do brejo paraibano; nessa perspectiva a banana se tornou a cultura permanente que veio cobrir a lacuna deixada pela cana-de-açúcar.

E assim, os bananais de cultura complementar, nos tempos de engenhos, se torna principal fonte de renda para os agricultores, visto pois, o referido fruto é de fácil manejo e requer pouco investimento inicial, que é corroborado pelo clima favorável da região e principalmente pelo estável mercado consumidor. É válido ressaltar que posteriormente, a partir do ano de 2005, foi implantado o pólo de artesanato em Borborema, o qual tem como matéria prima a fibra extraída da banana, este processo além de garantir emprego e renda para alguns munícipes, também é um projeto ecologicamente correto, não agredindo em nada a natureza.

Ao estudar as modificações ocorridas em Borborema é possível perceber que ainda existe muito do *estilo de vida* rural dentro da cidade de Borborema e que os bananais são os atuais sustentáculos econômicos da cidade, perdendo apenas para a máquina pública com seus inúmeros cargos de livre nomeação. Borborema de hoje é este misto de passado e presente, que torna essa cidade simultaneamente urbanizada, já que a maioria dos seus habitantes mora no perímetro urbano do município. O campo se faz presente diariamente visível em suas ruas seja através dos comboios de burros que levam as bananas dos sítios ao armazém, ou nas imensas pilhas de bananas a espera de serem transportadas para outros centros, em especial cidade do Rio Grande do Norte. E assim, toda essa mescla de passado/presente de urbano/rural vem influenciando e moldando hábitos, valores e comportamentos dos grupos que compõem a sociedade local; tornando Borborema essa cidade singular e comum do interior da Paraíba.

Referências

ALMEIDA, José Américo. **A Paraíba e seus Problemas**. 3 ed. João Pessoa, 1980.

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Munis, de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3 ed. Recife: AFJN, Ed. Massanfana. São Paulo, 2006.

ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente. **O recente desempenho das cidades médias no crescimento populacional urbano brasileiro**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/pub/td/1998/td_0554.pdf> Acessado em 21 março 2010

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CARLOS, José Reis. **As Identidades do Brasil de Varnhagen a FHC**. 5 ed. Fundação Getulio Vargas. Rio de Janeiro, 2002.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (org). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. 2 ed. São Paulo: contexto, 2005.

CAMPELLO, Ana Flávia et al. **Urbanização Recente na Região Nordeste: dinâmica e perfil da rede urbana**. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/textos_especiais_catialubambo.pdf> Acessado em 21 março 2010

CRIANO, Adriana José. **Memória e cidades: experiências e lembranças de viveres urbanos (Catalão 1970 – 1980)**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=18830> acessado em 11 maio 2010

Como nasce uma cidade. **Borborema 25 anos depois**. Borborema, 1984.

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. **A maldição do trabalho (homens pobres, mendigos, ladrões no imaginários dos entes Nordestinos 1850 – 1930)**. João Pessoa: UFPB, 1988. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais).

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **A civilização do açúcar século XVI a XVIII**. 5 ed. Editora brasiliense. São Paulo, 1988.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria da seca: o caso da Paraíba**. Editora: Universitária/UFPB. João Pessoa, 1993.

FREUD. Sigmund. **O mal estar da civilização**. Imago. Rio de Janeiro, 1969.

_____. **História da vida privada**. Volume III. Nicolau Sevcenko. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. Cia das letras. Rio de Janeiro, 2006.

GARCIA JR, Afrânio. **Libertos e sujeitos: sobre a transição para trabalhadores**

livres do nordeste. Disponível em:<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_07/rbcs07_01.htm> Acessado em: 11 agosto 2010

IBGE. Disponível em:< ibge.gov.br.> acessado em: 13 fevereiro 2010.

LE GOFF, Jacques. **Por amor as cidades.** Conversação com Jean Lebrum; tradução Reginaldo Carmello Correia de Moraes. 2º reimpressão. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LOPES, Edson Batista; ALBUQUERQUE, Ivanildo Cavalcanti de. **Proposição da EMEPA-PB Junto ao Banco do Nordeste do Brasil Objetivando o Financiamento da Produção de Banana do Projeto de Irrigação das Várzeas de Sousa em Lotes Livres da Sigatoka-Negra.** Disponível em:< http://www.emepa.org.br/inform/banana_producao_varzeas.pdf> acessado em: 20 agosto 2010.

WEHLING, Arno. **Formação do Brasil Colonial.** Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1994.

MATOS, Ralfo. **Aglomeraciones Urbanas, Rede De Cidades E Desconcentração Demográfica No Brasil.** Disponível em:<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt4_3.pdf> Acessado em 21março 2010

MARQUESE, Rafael de Bivar. **Administração e escravidão:** idéias sobre a gestão da agricultura brasileira. Fapesp. São Paulo, 1999.

MATTHIESEN, Marina Leite; BOTEON, Margarete.**Análise dos principais pólos produtores de banana no Brasil.** Disponível em:< <http://www.cepea.esalq.usp.br/pdf/banana.pdf>> acessado em: 20 agosto 2010

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba.** 9 ed. João Pessoa. A União, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) e outros. **Pesquisa Social – Teoria, Metodologia e Criatividade.** 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** São Paulo: Contexto, 2006.

NETO. Belarmino Mariano. **Ecologia e Imaginário nos Cariris Velhos do Paraíba: memória cultural e natureza no cerimonial da vida.** Disponível em:<[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bte/bte.nsf/2C746CB5A002321203256FDD004629B8/\\$File/NT000A657E.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bte/bte.nsf/2C746CB5A002321203256FDD004629B8/$File/NT000A657E.pdf)> Acessado em: 11agosto 2009

SANTOS, Júnior Felipe de Oliveira. **Água e qualidade de vida: O problema do abastecimento na cidade de Borborema-PB.** Monografia de conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Departamento de Geo-história, Guarabira:

UEPB, 2006.

TRIGO, Luciano. **Engenho e memória**: O Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego. Topbooks. Rio de Janeiro, 2002.

TARGINO, Ivam. e MOREIRA, Emilia. **Proalcool, meio ambiente e emprego rural na Paraíba**. Anais da ABEP. Brasília, 1997.

ANEXO

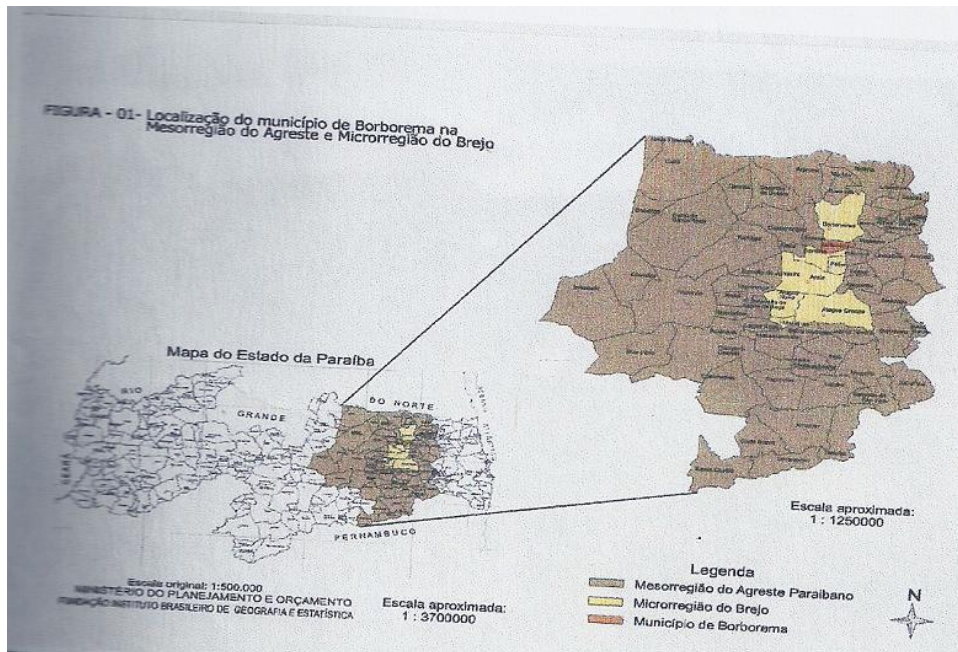
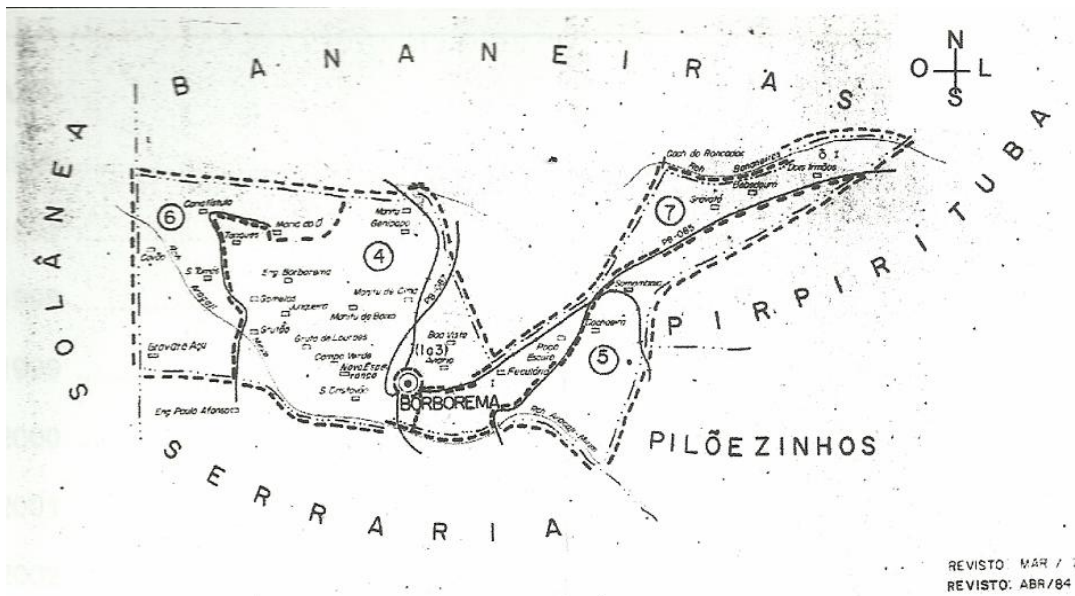


Figura 1:

Localização do Município de Borborema

Fonte: Ministério do Planejamento e Orçamento / IBGE. Apud. SANTOS. 2006.p 29)



Legenda: --- limite intermunicipal — rios ----- rodovia ○ sede do município

Figura 2: Planta do Município de Borborema

Fonte: Prefeitura Municipal de Borborema. Apud. SANTOS. 2006.p.33)

APÊNDICE

Questionário para os Produtores

Nome _____ Naturalidade _____
Sexo ____ Idade ____ ocupação: _____ reside na zona urbana ou rural
do município de Borborema _____

1º) O senhor(a) sempre trabalhou como agricultor? (se a resposta for negativa, questione qual era a antiga ocupação e qual a renda média auferida com o anterior trabalho) Há quanto tempo trabalha com a bananicultura?

2º) As terras cultivadas pelo senhor(a) pertenciam a algum engenho da região? (se a resposta for afirmativa, questione sobre o que aconteceu com o proprietário do engenho, e com os trabalhadores daquele engenho.)

3º) Por estimativa o senhor(a) poderia avaliar o crescimento/prejuízo econômico que as bananas lhe trouxeram nos últimos anos? (período de 2005 a 2010)

4º) Na sua opinião, o senhor(a) e sua família no período que compõe os anos de 2005 a 2010 melhorou ou piorou de vida. Por quê?

5º) O que o senhor(a) pensa sobre a cidade de Borborema, se pudesse escolher continuaria morando aqui, por quê?

6º) O que mudou na cidade de Borborema nestes últimos 5 anos (2005 a 2010)?

Questionário para os artesãos que utilizam a fibra da banana

Nome _____ Naturalidade _____
Sexo ____ Idade ____ tem outra ocupação, qual?: _____ reside na zona urbana ou rural do município de Borborema _____

1º) Qual a origem da matéria-prima do seu artesanato; o senhor(a) compra diretamente dos produtores? E qual o procedimento para retirar a fibra da banana?

2º) Por estimativa o senhor(a) poderia avaliar o crescimento/prejuízo econômico que as o seu artesanato lhe trouxeram nos últimos anos? (período de 2005 a 2010)

3º) Quais são os principais tipos de artesanato produzidos pelo senhor(a) e qual o modelo mais lucrativo, e qual dá mais trabalho em sua confecção. Por quê?

4º) Na sua opinião, o senhor(a) e sua família no período que compõe o quinquênio de 2005 a 2010 melhorou ou piorou de vida. Quais foram os principais fatores que corroboraram para está sua resposta?

5º) O que o senhor(a) pensa sobre a cidade de Borborema, se pudesse escolher continuaria morando aqui, por quê?

6º) O que mudou na cidade de Borborema nestes últimos 5 anos (2005 a 2010)?